

Sarney garante: ninguém vira a mesa

EUGENIO NOVAES

ra os funcionários públicos que estão em greve, que estão clamando pela criação do sindicato da categoria; e, por fim, para os candidatos às próximas eleições municipais, que encenam defender o servidor público, em troca da promessa de voto.

Para o presidente Sarney, essa "é uma política de terra arrasada. Esse tipo de ação política brega, é a mais arrasada de todas as políticas", comentou. Ele, em tom rispido, assegurou que vai continuar com a consolidação da democracia no Brasil, consolidando as instituições democráticas até o fim de seu governo, no dia 15 de março de 1990. Depois ele garantiu que não vai haver golpe militar, e agradeceu aos jornalistas.

Na Base Aérea estavam presentes 20 ministros de Estado, entre eles os seis ministros militares: Leonidas Pires Gonçalves, do Exército; Octávio Júlio Moreira Lima, da Aeronáutica; Henrique Sabóia, da Marinha; Walber Lisleux Medeiros Figueiredo, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; Ivam de Souza Mendes, do SNI; e Rubens Bayma Denys, chefe do Gabinete Militar da Presidência. Todos demonstravam serenidade. Foram notadas as ausências dos ministros Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações — que estivera pouco antes com Sarney no Alvorada — e Aureliano Chaves, das Minas e Energia.

Sarney viajou para Punta Del Este, no Uruguai, onde vai participar da segunda reunião de presidentes latino-americanos (Argentina, Brasil, Colômbia, México, Venezuela, Peru e Uruguai). Sarney justificou a sua saída do País, apesar da crise econômica, afirmando que o encontro é de grande importância para o Brasil, por ter uma grande expressão internacional, e não existir nenhum risco institucional. "A ausência do Brasil daria uma leitura errada", justificou. O Presidente desembarca na Base Aérea de Brasília, no sábado, às 19 horas.

"Nós vamos prosseguir na consolidação da democracia no Brasil e até o fim do meu mandato, ninguém vai virar a mesa neste País". A garantia, de forma energética, foi dada ontem pelo presidente José Sarney, antes de embarcar para o Uruguai e depois de transmitir o cargo para o deputado Ulysses Guimarães, na Base Aérea de Brasília. Sarney afastou o perigo de retrocesso político, com a volta dos militares ao poder, como ocorreu em 1964, e a renúncia da nova ordem constitucional implantada no País no último dia 5 deste mês, com a promulgação da atual Constituição. Sarney afirmou que o Brasil não vai ter problemas institucionais dessa natureza.

O presidente Sarney deu a garantia, ao comentar a declaração do empresário Antônio Ermirio de Moraes, de que sem a formalização do pacto social entre o governo, os trabalhadores e os empresários o País corre o risco de sofrer um retrocesso político. Sarney acredita que o Brasil vive "um momento de acomodação de uma nova ordem constitucional", e observou que ninguém pensaria que esse novo estado de direito seria consolidado sem passar pelo período de adaptação.

— Nós vamos ter que conviver com esse período de acomodação. Naturalmente que no meio de toda transição existem sempre aqueles... uns que querem se aproveitar do novo texto constitucional para formação de sindicatos, para ocupar áreas aproveitando as janelas que a Constituição abriu, outros desejam ter ganhos eleitorais em face de uma eleição próxima e outros mais, que são muito bem conhecidos do País, as permanentes cassandras do caos — afirmou Sarney.

As críticas do presidente Sarney, embora de forma indireta, foram destinadas ao ex-governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, que vem propondo a antecipação das eleições presidenciais, marcadas para 15 de novembro de 1989; e pa-

Presidente explica viagem

Apesar de reconhecer que a crise econômica do País é complexa, o presidente José Sarney afirmou ontem que o Brasil não pode deixar de cumprir com os seus deveres internacionais, e por essa razão embarcou às 12h40 para Punta Del Este, no Uruguai, onde participa da segunda reunião de presidentes latino-americanos (Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru, Venezuela e Uruguai). Para Sarney, o Brasil tem uma grande expressão internacional, e a "ausência do Brasil daria uma leitura errada", pois os presidentes poderiam pensar em risco constitucional e frustraria o encontro, que foi marcado em novembro do ano passado, em Acapulco, no México, na primeira reunião.

O presidente Sarney embarcou com 10 minutos de atraso. Mas demonstrava tranquilidade, como ficou claro durante a entrevista, que concedeu, depois de

passar o cargo para o deputado Ulysses Guimarães, na Base Aérea de Brasília. Sarney não quis responder se chegou a pensar em cancelar a sua ida ao Uruguai, como foi amplamente divulgado durante o início desta semana, depois que chegou de uma viagem de 10 dias à Europa. Ele disse que a situação é complexa, mas não impedia o Presidente de cumprir com o seu dever.

Vinte ministros de Estado foram à Base Aérea de Brasília desejar boa viagem a Sarney e cumprimentar o deputado Ulysses Guimarães. Vários parlamentares foram também à Base Aérea, entre eles o líder do Governo e da maioria na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna; o deputado Homero Santos, presidente em exercício da Câmara e que dia 31 toma posse como ministro do Tribunal de Contas da União; e o deputado Jorge Leite, vice-líder do Governo.

Manhã foi toda no Alvorada

O presidente José Sarney passou a manhã de ontem no Palácio da Alvorada, onde permaneceu até a hora de seu embarque para o Uruguai. Logo cedo, chegou o ministro Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, e, em seguida, o ministro da Administração, Aluizio Alves. Também estiveram com o Presidente o ministro do Exército, Leonidas Pires Gonçalves, o ex-ministro do Planejamento, João Sayad, e o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães.

Ao sair do Palácio da Alvorada, o ministro Antônio Carlos Magalhães justificou o encontro entre Sarney e o ex-ministro João Sayad como o interesse do Presidente em se informar

sobre todos os assuntos econômicos "e todos aqueles que têm uma contribuição a dar ele ouve com o maior prazer".

O ministro disse, ainda, que Sarney não teme nenhum retrocesso político no País "porque ele tem o poder nas mãos para exercer e a confiança de todos aqueles que têm a segurança do País em seu domínio".

O ministro disse, também, em referência às greves do funcionalismo, que o Governo vai impedir o "estado anárquico e evitar que os anarquistas continuem a querer dominar o País e atrapalhar o processo democrático e constitucional".